

Ressignificando as visões sobre o corpo na Educação Física Escolar

COM PROJETO DE REFLEXÕES SOBRE O CORPO, PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA RECEBE PRÊMIO EDUCADOR NOTA 10



Crédito: C.Gennari - CREF4/SP

Crédito: Roosevelt Cássio - Revista Nova Escola

“Muitos alunos relataram sentir vergonha de si mesmos: cor da pele, altura, tamanho, obesidade, cor dos olhos, cor e tipo de cabelo, entre outros. Em resumo, boa parte dos alunos apresentava visões distorcidas sobre si mesmos e isso acabava influenciando não apenas o desenvolvimento das aulas de Educação Física, mas suas próprias histórias de vida”

Diante de situações de bullying e baixa autoestima, o professor de Educação Física Luiz Gustavo Bonatto Rufino [CREF 086907-G/SP] percebeu que poderia criar estratégias para melhorar a relação dos seus alunos entre eles e com o mundo. Para isso, ele desenvolveu, na Escola Municipal Odete Emídio de Souza, localizada na periferia de Paulínia (SP), o projeto “Ressignificando as visões sobre o corpo”. A iniciativa, realizada em 2018, lhe rendeu o prêmio Educador Nota 10, mas, para ele, a maior conquista foi outra. “Os alunos puderam compreender seus próprios corpos, bem como os de seus colegas. Eles perceberam que estava tudo bem ser diferente e que a cor de suas peles ou o formato de seus corpos não devem ser estigmatizados, nem objeto de desvalorização, muito pelo contrário”.

Para ele, uma vida saudável começa na boa relação consigo e com o outro. Para melhorar essas relações, ele explorou seu papel de educador, superando todos os obstáculos nesse caminho. “Desde quando assumi o compromisso de ensinar, busco desenvolvê-lo da melhor forma possível, dentro da realidade difícil, desafiante, com limitações de infraestrutura e de materiais”.

Conheça, a seguir, o projeto que comprova, mais uma vez, a importância da interdisciplinaridade da Educação Física Escolar.

Revista Educação Física - Como e quando o projeto “Ressignificando as visões sobre o corpo” foi realizado?

Luiz Gustavo Rufino - Esse projeto foi desenvolvido ao longo do segundo semestre de 2018 com três turmas do terceiro ano do ensino fundamental. Foram aulas em que problematizamos o corpo e a relação dos alunos com algumas competências socioemocionais, como respeito, conhecimento, autocuidado, diálogo, aceitação... Foi uma maneira diferenciada de tematizar os “conhecimentos sobre o corpo”, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais e no currículo oficial do município, muito além de “cabeça, ombro, joelho e pé”.

Revista Educação Física - Em que cenário ele foi desenvolvido? Havia muito bullying entre os alunos?

Luiz Gustavo Rufino - A escola é bastante afastada do centro e agrega alunos de diferentes realidades, em que há, muitas vezes, desamparo social e vulnerabilidade. Dessa forma, havia sim brincadeiras pejorativas, algumas discriminações (sobretudo raciais), desrespeito e até mesmo agressão física e verbal, o que acabava gerando dificuldade na aprendizagem. Com isso, era fundamental que desenvolvêssemos um trabalho em conjunto com os alunos, galgado nas competências socioemocionais e no âmbito dos valores e da ética, sem perder de vista as especificidades da Educação Física, isto é, o trabalho com as práticas corporais vinculadas à cultura corporal de movimento.

Revista Educação Física - Além do bullying, o senhor percebia baixa autoestima das crianças em relação aos seus corpos? Como?

Luiz Gustavo Rufino - Sim. Inclusive, foi esse o pontapé inicial para o projeto. Fiz uma pesquisa de mapeamento com os alunos e os questionei sobre seus corpos. Eles responderam questões como “o que é o corpo?”; “para que ele serve?” e se eles gostavam ou não de seus corpos. Para minha surpresa, a resposta foi bastante negativa. Muitos alunos relataram sentir vergonha de si mesmos: cor da pele, altura, tamanho, obesidade, cor dos olhos, cor e tipo de cabelo, entre outros. Em resumo, boa parte dos alunos apresentava visões distorcidas sobre si mesmos e isso acabava influenciando não apenas o desenvolvimento das aulas de Educação Física, mas suas próprias histórias de vida. Mesmo bastante jovens, com idades de 7 a 9 anos, eles já carregavam marcas de preconceitos e visões distorcidas de si mesmos.

Revista Educação Física - Como esse contexto atrapalhava o rendimento dos alunos, não só na Educação Física, mas também nas outras disciplinas?

Luiz Gustavo Rufino - Uma das principais questões atualmente se refere à importância de se compreender os alunos e as alunas de forma integral, e não comparimentalizada. Por isso, um problema desse nível acaba gerando uma série de implicações que vão muito além

das aulas de Educação Física. Problemas de rendimento e aprendizagem, dificuldades em se expressar e comunicar, problemas de relacionamento com colegas, com o corpo docente e com a equipe gestora, vergonha de si mesmos, entre outras questões, acabam sendo influenciadas por essa problemática. É claro que muitos são os desafios e esse era apenas um conjunto de problemas, mas que acabava afetando o próprio processo educativo.

Revista Educação Física - Como se desenvolveu o projeto?

Luiz Gustavo Rufino - Eu desenvolvi o projeto em três diferentes eixos. O primeiro, intitulado “Eu, meu corpo e minha história”, visou compreender a relação dos alunos com seus próprios corpos. Para isso, praticamos atividades como corridas rasas, alguns movimentos da ginástica, malabarismo. Tudo isso para vivenciar diferentes formas de se compreender o corpo em movimento e seus desafios.

O segundo eixo foi denominado “O outro e seu corpo”, visando compreender como a identidade corporal é construída na relação com os colegas. Para isso, realizamos reflexões sobre silhuetas dos corpos em duplas, vivências com perna de pau no qual um colega precisava auxiliar o outro nesse desafio, e também desenhos e representações sobre os corpos dos alunos e as práticas corporais da Educação Física.

Finalmente, o terceiro eixo foi intitulado “O corpo e suas potencialidades e limitações”. A ideia foi trazer a alteridade para o centro da quadra e explorar novas formas de se movimentar a partir de algumas restrições sensorio-motoras, como vendas nos olhos ou limitações nos movimentos das pernas. Praticamos também atividades de parkour, explorando outros ambientes da escola e permitindo que os alunos percebessem que existem muitas potencialidades dentro das possíveis limitações.

Revista Educação Física - O que o prêmio Educador Nota 10 representou para o senhor?

Luiz Gustavo Rufino - Receber esse reconhecimento é ao mesmo tempo motivo de muita alegria e honra, mas também de muita responsabilidade. Trata-se do maior e mais importante prêmio em esfera nacional no qual eu acabei representando os Profissionais da Educação Física. Ao mesmo tempo, ainda existem de desafios para a Educação Física na escola. Para superá-los, devemos caminhar juntos em prol do desenvolvimento desse componente curricular cuja importância é central para o processo educativo como um todo. Assim como o projeto desenvolvido, existem muitos colegas que acordam cedo e trabalham muito seriamente com afinco, dedicação, amor e profissionalismo em prol da educação pública de qualidade e realizam práticas excepcionais. Que cada boa prática desenvolvida possa ser um “tijolinho” na construção de um mundo melhor.